

*PAUL N. BENWARE*

*Manual de*

*ESCATO  
LOGIA*

*Chamada*

*Um guia para entender as  
profecias do fim dos tempos*



chamada

**ESTA É UMA AMOSTRA**

Compre este livro em nosso site

[loja.chamada.com.br](http://loja.chamada.com.br)

O drama da escatologia bíblica é frequentemente um assunto técnico, complexo e atordoante para o não iniciado. Dr. Paul Benware oferece um serviço vital ao fornecer uma bússola para ajudar a navegar no desafiador terreno profético. *Manual de Escatologia Chamada* torna acessível um tema que de outra forma seria formidável e confuso.

**J. Gregory Behle**

Professor de educação cristã  
The Master's College, Sun Valley, Califórnia

Uma das melhores obras sobre o tema. A revisão feita pelo dr. Benware traz para os estudantes de profecia as mais recentes questões escatológicas que influenciam de forma negativa as doutrinas a respeito do retorno do Senhor.

**Mal Couch**

Presidente  
Tyndale Theological Seminary, Fort Worth, Texas

Milhões de pessoas leram os livros da série *Deixados para trás* e foram inspirados por esse relato ficcional do fim dos tempos. A profecia bíblica precisa ser entendida com base no alicerce bíblico das alianças de Deus e do seu caráter. O livro do dr. Benware é leitura obrigatória para que o estudante da Palavra de Deus obtenha compreensão a respeito dos vários pontos de vista sobre o fim dos tempos. Ler este livro com a Bíblia aberta ao lado é encher-se de admiração por nosso Deus e seu plano para a humanidade.

**Brent D. Garrison**

Presidente  
Southwestern College, Phoenix, Arizona

Conflito, contradições e confusão: todas essas palavras descrevem as perspectivas correntes sobre a profecia do fim dos tempos. Felizmente, o dr. Paul Benware fornece um mapa para nos guiar do caos interpretativo a uma compreensão sólida do que a Bíblia tem a dizer a respeito do futuro. Equilibrado, justo e fácil de entender, o livro escrito pelo dr. Benware é simplesmente o melhor texto sobre escatologia.

**Michael Rydelnik**

Professor de estudos judaicos  
Moody Bible Institute, Chicago, Illinois



*Manual de*  
**ESCATO  
LOGIA**  
*Chamada*





*Manual de*  
**ESCATOLOGIA**  
*Chamada*

*Um guia para entender as  
profecias do fim dos tempos*

**PAUL N. BENWARE**

*Tradução  
Doris Körber*

*1ª Edição  
2021*



chamada

This book was first published in the United States by Moody Publishers, 820 N. LaSalle Blvd., Chicago, IL 60610 with the title *Understanding End-Times Prophecy*, copyright © 1995, 2006 by Paul N. Benware. Translated by permission. All rights reserved.

Este livro foi publicado primeiramente nos Estados Unidos por Moody Publishers sob o título *Understanding End-Times Prophecy*, copyright © 1995, 2006 por Paul N. Benware. Tradução permitida. Todos os direitos reservados.

Todos os direitos reservados mundialmente para a língua portuguesa.

Copyright © 2020 por Chamada

1ª Edição – Agosto/2021

É proibida a reprodução desta obra em quaisquer meios sem a expressa permissão da editora, salvo para breves citações com a indicação da fonte.

Editor: *Sebastian Steiger*

Tradução: *Doris Körber*

Preparação: *Débora Steiger*

Revisão: *Josemar de Souza Pinto*

Diagramação: *Rômulo Spier do Nascimento*

Capa: *Filipe Spitzer Landrino*

Salvo indicação em contrário, todas as passagens da Escritura foram extraídas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional, NVI®, copyright © 1993, 2000, 2011 por Biblica, Inc. Todos os direitos reservados mundialmente.

Passagens da Escritura marcadas como NAA foram extraídas da Nova Almeida Atualizada (NAA), copyright © 2017 por Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como NVT foram extraídas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Transformadora, copyright © 2016 por Editora Mundo Cristão. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como TB foram extraídas da Tradução Brasileira (TB), copyright © 1917, 2010 por Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

### **Obra Missionária Chamada da Meia-Noite**

Rua Erechim, 978 – Bairro Nonoai

CEP: 90830-000 – Porto Alegre/RS

Fone: (51) 3241-5050

**[www.chamada.com.br](http://www.chamada.com.br)**

[pedidos@chamada.com.br](mailto:pedidos@chamada.com.br)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Lumos Assessoria Editorial - Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

---

B479 Benware, Paul N.  
Manual de escatologia Chamada : um guia para entender as profecias do fim dos tempos / Paul N. Benware ; tradução Doris Körber. — 1. ed. — Porto Alegre : Chamada, 2021.  
504 p. ; 22 cm.

Tradução de: *Understanding End-Times Prophecy*  
ISBN 978-65-89505-11-2

1. Escatologia. 2. Bíblia - Profecias - Fim do mundo. 3. Literatura apocalíptica - História e crítica.  
I. Körber, Doris. II. Título.

---

CDD 236

*A todos aqueles que “amam a sua vinda”,  
independentemente de sua posição escatológica.*



# Sumário

|                 |    |
|-----------------|----|
| PREFÁCIO .....  | 11 |
| INTRODUÇÃO..... | 13 |

## *Parte Um*

### **Entendendo os Fundamentos da Profecia Bíblica**

|   |    |
|---|----|
| Capítulo Um: Interpretando a Profecia Bíblica.....                              | 21 |
| Capítulo Dois: A Aliança Abraâmica.....   | 39 |
| Capítulo Três: A Aliança Palestiniana, a Aliança Davídica e a Nova Aliança..... | 65 |

## *Parte Dois*

### **Entendendo os Principais Pontos de Vista da Profecia Bíblica**

|  |     |
|--|-----|
| Capítulo Quatro: O Dispensacionalismo e a Teologia do Pacto..... | 99  |
| Capítulo Cinco: A Perspectiva do Pré-Milenarismo.....            | 111 |
| Capítulo Seis: A Igreja e a Nação de Israel.....                 | 125 |
| Capítulo Sete: A Perspectiva do Amilenarismo.....                | 149 |
| Capítulo Oito: A Perspectiva do Pós-Milenarismo.....             | 173 |
| Capítulo Nove: A Perspectiva do Preterismo.....                  | 195 |
| Capítulo Dez: O Reino de Deus .....                              | 237 |
| Capítulo Onze: Um Panorama dos Eventos Futuros.....              | 251 |

## *Parte Três*

### **Entendendo os Eventos Proféticos Futuros**

|  |     |
|--|-----|
| Capítulo Doze: A Perspectiva do Arrebatamento Pré-tribulacionista... | 261 |
| Capítulo Treze: A Perspectiva do Arrebatamento Pós-tribulacionista.. | 301 |
| Capítulo Catorze: Outras Perspectivas Sobre o Arrebatamento.....     | 331 |
| Capítulo Quinze: A Septuagésima Semana de Daniel.....                | 371 |

|  |     |
|--|-----|
| Capítulo Dezesseis: Julgamentos e Ressurreições Futuros..... | 405 |
| Capítulo Dezesete: O Futuro Reino de Deus.....               | 417 |

### *Parte Quatro*

#### **Entendendo o Futuro do Indivíduo**

|   |     |
|---|-----|
| Capítulo Dezoito: Morte e Estado Intermediário..... | 435 |
| Capítulo Dezenove: O Estado Eterno Final.....       | 447 |

### *Parte Cinco*

#### **Apêndices**

|  |     |
|--|-----|
| Apêndice Um: Um Panorama do Livro de Apocalipse.....             | 461 |
| Apêndice Dois: O Discurso de Cristo no Monte das Oliveiras ..... | 467 |
| Apêndice Três: Glossário .....                                   | 473 |
| Apêndice Quatro: As Profecias de Daniel.....                     | 479 |
| ÍNDICE REMISSIVO.....  | 481 |
| ÍNDICE DE TEXTOS BÍBLICOS .....                                  | 495 |

# *Prefácio*

Nas últimas décadas, o interesse pelas profecias parece ter entrado em declínio (exceto quando irrompe algum conflito no Oriente Médio!). Isso está se mostrando prejudicial ao bem-estar do corpo de Cristo. Tal desinteresse roubou-nos uma importante perspectiva a respeito da vida aqui e agora, pois o conhecimento a respeito do futuro deve afetar nossas ações no presente. Ignorar o que Deus diz sobre o futuro serve apenas para anuviar nossa percepção a respeito do presente.

Por que isso aconteceu? Possivelmente, por estarmos tão satisfeitos com nosso destino nesta vida que a vida no além perdeu seu atrativo. Talvez porque as igrejas não estão oferecendo ensino profético, por entenderem que as pessoas não estão procurando por isso (e por terem traçado seus programas de forma que ofereça o que o povo quer, não o que ele precisa). Talvez porque nossas instituições de formação estejam dedicando menos tempo a ele e ensinando-o de forma menos específica. Talvez porque não queremos encarar a realidade de que é Deus quem está no controle e que ele está levando seu plano à conclusão previamente anunciada a seu tempo e modo. Talvez porque esquecemos que a profecia consiste não apenas em um esquema de eventos futuros, mas também inclui ensinamentos sobre ressurreição, juízos, céu e punição eterna, todos assuntos eminentemente relevantes.

Os livros que enfatizam os aspectos espetaculares vêm e vão (e muitas vezes precisam de revisão!). Sempre haverá necessidade de livros fundamentais, e este é um deles. Este livro baseia-se nos muitos anos em que o dr. Benware ensinou e pregou sobre profecias, tanto no Moody Bible Institute quanto nas igrejas que pastoreou. Ele sabe por experiência o que precisa ser ensinado e qual é a melhor forma de comunicá-lo, e o faz de forma clara e meticulosa neste livro.

*Manual de Escatologia Chamada* atenderá às necessidades especialmente dos cristãos que desejam ter uma melhor compreensão da profecia bíblica. Espero que ele permaneça disponível durante muito tempo, para ajudar muitos a verem não apenas o que Deus está fazendo, mas também como podem se encaixar melhor em seu grande plano.

**CHARLES C. RYRIE**

# *Introdução*

## A importância crítica da profecia bíblica

A profecia bíblica sofreu terrivelmente tanto na mão de amigos quanto na de inimigos. Algumas pessoas têm um forte preconceito contra o supernaturalismo e a profecia preditiva. Consequentemente, sempre viram a profecia bíblica como nada mais que uma expressão elaborada da imaginação criativa de alguém ou, às vezes, como história escrita sob o disfarce da profecia. Pessoas com esse ponto de vista nunca terão grande estima pela palavra profética.

No entanto, ironicamente, o maior dano para as Escrituras proféticas talvez tenha sido infligido por aqueles que creem firmemente nelas.

Com jornais em uma das mãos e Zacarias (ou outro profeta) na outra, fazem declarações sensacionais sobre o que muito provavelmente acontecerá. Embora pessoas assim neguem que estejam prevenindo eventos a se cumprirem em breve, seus pronunciamentos definitivamente acabam deixando essa impressão. Depois de décadas de proclamações desse tipo em sermões e escritos, muitos crentes tornaram-se apáticos em relação às profecias da Bíblia. A atitude que existe entre muitos filhos de Deus é que “Jesus e o fim dos tempos chegarão quando for a hora, mas até lá preciso levar minha vida no mundo real”. Uma atitude assim é equivocada porque a profecia bíblica *é* para a vida no mundo real de agora.

As Escrituras testificam a respeito da importância crítica da doutrina das coisas futuras. João, por exemplo, prefaciou o Apocalipse com o encorajamento de que a pessoa que conhece as verdades proféticas e organiza sua vida de acordo com elas viverá melhor no *hoje*. Ele é alguém abençoado por Deus no presente (Ap 1.3). Deus deu a profecia para que ela tenha um efeito positivo em nossa vida diária. Considere estes cinco benefícios de conhecer a profecia bíblica.

## 1. A profecia bíblica nos lembra que Deus é soberano

Em um mundo aparentemente caótico e totalmente dominado pelo mal, precisamos nos lembrar de que Deus controla tudo de forma soberana. O profeta Isaías declarou que o poderoso Criador deste mundo não está nem um pouco impressionado com o poder supostamente grande de homens e nações (Is 40.12-26). Na verdade, ele assevera que Deus os vê como pó na balança, uma gota em um balde, como nada e insignificantes. Nosso Deus é o rei do universo, que governa tanto agora quanto no futuro (Sl 2.1-12). Embora Satanás seja chamado de “deus desta era”, ele não determina o que acontece neste planeta, mas permanece inquestionavelmente sujeito à autoridade soberana do Senhor Deus (Mt 28.18-20; Ap 1.18).

A Palavra profética proclama o poder e a soberania de Deus e não nos deixa esquecer que seus propósitos seguros para o futuro de fato se cumprirão. Nem homens nem demônios podem impedir os planos do Deus Onipotente. Essa grandiosa verdade traz entendimento e conforto ao crente que vive neste mundo hostil.

## 2. A profecia bíblica nos lembra que Deus é bom

Os cristãos com frequência vivem seus dias com dores pessoais, problemas não resolvidos e em situações terrivelmente injustas. A profecia nos lembra da bondade de Deus ao mostrar que ele escreveu o capítulo final sobre a condição humana, que no momento inclui sofrimento e dor. Se esta vida e este mundo fossem tudo o que existe ou o melhor que poderíamos obter, teríamos razão em questionar a ideia de que Deus é bom e amoroso. A profecia revela com clareza cristalina que o fim da história é bom para os filhos de Deus e que esse bem é de um tipo que não temos realmente como imaginar. O apóstolo Paulo, que suportou adversidade, sofrimento e problemas inacreditáveis, proclamou sem qualquer reserva: “Considero que os

nossos sofrimentos atuais não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada” (Rm 8.18).

A profecia bíblica é uma área doutrinária preciosa ao povo de Deus que sofre. Certo autor observou corretamente que

o que acontece em nossa vida quando vivemos conforme as orientações de Deus depende dele. Às vezes, as bênçãos vêm. Às vezes, não. Só quando perdemos a esperança nas fórmulas que garantem sucesso é que desenvolvemos verdadeira esperança em um Deus em quem se pode confiar quando a vida não faz sentido, porque um dia ele nos levará para casa.<sup>1</sup>

Levar-nos para casa é o bem definitivo. É na casa do Pai que seus filhos experimentarão comunhão completa e desimpedida e ficarão livres da morte, da dor e de outras devastações do pecado. A profecia proclama em alto e bom som que Deus é bom.

### 3. A profecia bíblica nos motiva a viver de forma santa

Sem a perspectiva da verdade profética, é muito mais difícil levar uma vida santa. O apóstolo João certa vez escreveu sobre o retorno do Senhor Jesus para buscar seus filhos e observou que, quando esse evento repentino e sobrenatural acontecer, ele trará alegria a alguns cristãos e vergonha a outros (1Jo 2.28). Em seguida, diz que o crente que de fato acredita e espera com alegria pela vinda do Senhor trabalhará de forma ativa para alcançar pureza pessoal (3.3). Convencidos dessas verdades, simplesmente não permitirão a presença do pecado em sua vida e estarão prontos para o retorno do Senhor. O crente que não espera pelo retorno do Senhor tem uma tendência maior para permitir que o pecado tome conta de sua vida. Foi isso

---

1 Larry Crabb, *Finding God* (Grand Rapids: Zondervan, 1993), p. 172.

que Jesus quis dizer quando chamou de mau o servo que diz que seu senhor demorará a chegar (Mt 24.48-51). Jesus ensinou que essa atitude, que nega o retorno iminente do Senhor, estimula o comportamento pecaminoso.

O crente que se levanta da cama pela manhã pensando “Meu Senhor Jesus pode voltar hoje” dificilmente permitirá que o pecado crie raízes em sua vida. Já o cristão que raramente reflete – se é que o faz – sobre as realidades da vida futura, da volta do Senhor e do trono de Cristo fica muito mais vulnerável à tentação e ao pecado. Isso talvez explique parte do pecado e da apatia que se vê em grande parte da igreja de hoje. Será possível que muitos estão dizendo: “Meu senhor está demorando”?

#### 4. A profecia bíblica nos ajuda a estabelecer prioridades

O que realmente importa para nós? Muitas coisas têm importância na nossa vida, e com certeza isso é legítimo. Contudo, a realidade das coisas futuras lança uma luz intensa sobre as grandes questões da vida e nos ajuda a ver o que é mais importante. O apóstolo Pedro falou a respeito dos vindouros juízos finais do dia do Senhor e então exortou os cristãos a viver à luz dessas realidades definitivas (2Pe 3.10-13).

Muitos filhos de Deus parecem tomar decisões a respeito do que farão com sua vida sem pensar conscientemente no reino futuro. Já aqueles que vivem conscientes do reino vindouro de Deus, com suas alegrias e recompensas, pensam de forma diferente a respeito do modo de usar seu tempo, dinheiro e recursos. Objetivos e propósitos de vida muitas vezes são alterados pelo nosso entendimento a respeito das realidades futuras. A profecia pode nos ajudar a fazer escolhas melhores no presente ao nos lembrar daquilo que tem valor eterno.

## 5. A profecia bíblica nos dá esperança

Se há alguém neste mundo que deveria viver com uma atitude de positiva confiança, este é o filho de Deus. Se há alguém que não deveria viver constantemente debaixo de um manto de derrota, medo e depressão, este é o filho de Deus. Mesmo que nenhum de nós esteja isento de situações dolorosas, negativas ou mesmo deprimentes, não devemos permanecer nessas condições. Há alegria, prazer e glória muito reais pela frente, embaladas na “bendita esperança” da manifestação de Jesus (Tt 2.13). “Regozijemo-nos! Vamos alegrar-nos” (Ap 19.7) são palavras para o futuro que nos incentivam a ter esperança, pois o melhor ainda está por vir. Enquanto o descrente talvez cultive pensamentos positivos em relação ao futuro, o crente pode olhar para a frente com a expectativa confiante de que Deus realizará tudo o que prometeu fazer.

Essa área doutrinária da profecia bíblica faz alguma diferença? Sim, definitivamente sim! Deus quer que conheçamos muitas verdades a respeito do que acontecerá no futuro, e quer que essas verdades nos transformem desde já, no presente. Ele deseja que a verdade profética mude a nossa forma de pensar, nos comportar e de vê-lo. Ainda que não possamos chegar a um entendimento completo a respeito de cada aspecto dessa doutrina, já recebemos informações suficientes, além de ajuda na pessoa do Espírito Santo, que ilumina sua verdade para conseguir realizar essas mudanças.





*PARTE UM*

*Entendendo os  
Fundamentos  
da Profecia  
Bíblica*



*Capítulo Um*

# *Interpretando a Profecia Bíblica*

Todo aquele que crê na Bíblia reconhece que Deus é um exímio comunicador. Por meio da criação, ele revelou sua existência, sabedoria e poder. Pelas Escrituras, revelou muito a respeito de sua pessoa, planos e propósitos. Contudo, se ele é um exímio comunicador, por que tantas vezes não entendemos o que ele diz? Pessoas inteligentes constantemente discordam a respeito do que Deus está dizendo à humanidade. Não conseguem concordar a respeito do modo pelo qual o universo veio a existir, como ele terminará e a respeito da maioria dos pontos entre esses dois extremos! A culpa, obviamente, não está em Deus, o comunicador, mas no ser humano, o intérprete das mensagens divinas. Provavelmente nenhuma parte da mensagem de Deus está mais sujeita a discordâncias e diversidade de opiniões do que a profecia bíblica. Portanto, é importante que passemos algum tempo discutindo como interpretar as Escrituras proféticas, antes de investigar os aspectos específicos a respeito desses eventos do futuro.

## *Em meio à confusão, algumas verdades claras*

Muitos cristãos veem a profecia bíblica com dúvidas ou cinismo. Alguns estão convencidos de que ela é tão complicada que apenas pessoas com dons de entendimento ou intelectos especiais podem encontrar sentido em tantos detalhes intrincados, como bestas de dez chifres e gafanhotos que lembram cavalos, mas têm rosto de homem. Outros foram expostos a tantas interpretações bizarras e

previsões falhas que se recolheram ao “agnosticismo escatológico”, alegando ignorância em assuntos proféticos.

Isso talvez seja compreensível no caso de uma pessoa que já esteve totalmente convencida de que determinado político proeminente seria o Anticristo ou esperou várias vezes pelo arrebatamento anunciado para datas específicas. No entanto, quando abordamos a questão da interpretação das Escrituras proféticas, precisamos nos lembrar de vários princípios que a Bíblia afirma com clareza.

### *1. A profecia é dada por Deus para ser compreendida*

O apóstolo João começa o livro de Apocalipse com a declaração de que esse livro trazia a “revelação de Jesus Cristo” (Ap 1.1); ou seja, traria um desvelamento de verdades a respeito da futura obra de Jesus, o Rei e Juiz. O Senhor revelou a verdade profética para que fôssemos transformados por ela. Isso pressupõe que a verdade pode ser entendida. Se a palavra profética é importante para o Senhor, ela precisa ser importante também para nós.

### *2. Deus nos mandou ajuda para entendermos a palavra profética*

Quando nascemos na família de Deus, somos ungidos pelo Espírito Santo (1Jo 2.20,27), e isso nos capacita a entender a verdade de Deus. Antes da conversão, nossa mente era obscurecida, incapaz de realmente entender as mensagens de Deus. Agora não apenas temos uma capacidade nova de entender a verdade divina, mas o Espírito Santo se dedica a iluminar a verdade de Deus de forma que possamos compreendê-la. O Espírito, o único que conhece a mente de Deus, esclarece esses assuntos para nós (1Co 2.11-13). Se isso é verdade, nenhum cristão pode alegar legitimamente que a profecia bíblica é ininteligível e, por isso, domínio exclusivo de alguns poucos estudiosos.

### *3. Deus nos deu suas Escrituras*

As Escrituras que Deus deu por meio dos escritores são verbalmente inspiradas (2Tm 3.16; 2Pe 1.19-21). As palavras exatas da Escritura são de importância crítica. Ao contrário do que pensam alguns, Deus não se limitou a lançar uma ideia para que um autor humano desenvolvesse o pensamento. Cada palavra de toda a Escritura, incluindo as porções proféticas, é significativa e digna do nosso tempo e atenção.

Isso deveria nos motivar a investigar a profecia bíblica e a dar o nosso melhor para entender essa mensagem que Deus nos comunicou: uma mensagem que ele claramente deseja que seja compreendida. Como diz o apóstolo Pedro, “temos ainda mais firme a palavra dos profetas, e vocês farão bem se a ela prestarem atenção” (2Pe 1.19).

## Quatro princípios para uma interpretação adequada

Com essas realidades em mente, seguem agora quatro princípios para uma interpretação sólida da profecia bíblica.

### *1. Interprete a passagem profética de forma literal*

De todas as regras para a interpretação de profecias, essa é a mais importante. No entanto, o que realmente quer dizer “interpretar literalmente”, uma vez que é óbvio para qualquer um que muitas das porções proféticas estão carregadas de símbolos e figuras de linguagem? Interpretamos literalmente quando abordamos as palavras de uma passagem bíblica da mesma forma que o faríamos com qualquer outro tipo de literatura ou até uma conversa normal.

Por exemplo, se eu lhe dissesse que acabei de ver três cachorros marrons na rua, você entenderia essa declaração como literal. Você não tentaria encontrar um significado oculto em meu comentário, mas partiria do princípio de que eu vi três (não cinco) cachorros (não gatos) marrons (não pretos) na rua (não no parque). Não usar a

interpretação literal no nosso dia a dia deixaria a nossa comunicação confusa e, em última análise, inútil. A nossa abordagem da palavra profética é muito semelhante.

O método literal de interpretação é o que dá a cada palavra o mesmo sentido básico e exato que teria no uso costumeiro, normal, cotidiano [...]. Chama-se método histórico-gramatical para ressaltar o conceito de que o sentido deve ser apurado mediante considerações históricas e gramaticais.<sup>1</sup>

“Para determinar o uso normal e convencional da linguagem bíblica”, escreveu Paul Tan, “é necessário considerar as regras aceitas de gramática e retórica, assim como os dados históricos e culturais factuais da época bíblica.”<sup>2</sup>

A interpretação literal presume que, uma vez que Deus deseja que sua revelação seja entendida pelas pessoas, ele baseia sua comunicação reveladora nas regras normais da comunicação humana.

A interpretação literal parte do princípio de que as figuras de linguagem são recursos linguísticos valiosos na comunicação normal e nas Escrituras. Novamente, se eu dissesse: “Outro dia, eu estava sentado no quintal de casa no fim da tarde, e tinha milhões de mosquitos ali”, você imediatamente reconheceria “milhões” como uma figura de linguagem (nesse caso, uma hipérbole), compreendendo que eu não tinha de fato contado os insetos, mas estava apenas dizendo que havia muitos ali. Você entenderia minha declaração de acordo com o uso normal da língua. Se alguém diz: “Estou congelando!”, interpretamos essa afirmação de forma normal. Não presumimos que a temperatura corporal daquela pessoa tenha caído para menos de 32 graus, mas que, na verdade, ela está sentindo muito frio. As-

---

1 J. Dwight Pentecost, *Manual de Escatologia*, trad. Carlos Osvaldo Cardoso Pinto (São Paulo: Editora Vida, 2006), p. 37.

2 Paul Tan, *The Interpretation of Prophecy* (Winona Lake, IN: BMH, 1974), p. 29.

sim, interpretação literal não é “literalismo” rígido ou “compreensão mecânica da linguagem”, ignorando qualquer simbolismo ou figura de linguagem. À luz dos muitos símbolos e figuras de linguagem na profecia bíblica, precisamos definir melhor a abordagem literal (normal/usual/convencional) da interpretação.

A interpretação literal deve ser a forma básica e primária de abordar os textos das profecias bíblicas. De modo geral, a interpretação literal é um sistema baseado na abordagem histórico-gramatical da hermenêutica. (*Hermenêutica* é a ciência da interpretação bíblica. Ela estabelece as leis e os princípios que levam ao significado do texto escriturístico.) Sempre que chegamos a uma passagem profética, nosso compromisso deve ser entender a passagem de acordo com as regras linguísticas aceitas, não buscar interpretações místicas ou figuradas.

Um autor encoraja o intérprete da Escritura a “comprometer[-se] com um ponto de partida, e esse ponto de partida é entender o documento da melhor forma possível no contexto da gama de designação normal, usual, convencional e tradicional, incluindo a facilidade de compreensão”.<sup>3</sup> Por exemplo, quando o Senhor disse a Abraão que daria a terra de Canaã a ele e aos seus descendentes como possessão eterna e que seria o Deus deles (Gn 17.8), como deveríamos entender essa passagem? A interpretação literal entende-a como uma promessa de Deus a respeito de um relacionamento e de um território. A interpretação literal toma essa declaração ao pé da letra e não fica procurando significados místicos, pois não há nada nessa passagem que leve o leitor a isso.

Essa abordagem geral dá o fundamento para a verdadeira interpretação. Contudo, ela não para por aí, como observa Elliott Johnson:

---

3 Bernard Ramm, *Protestant Biblical Interpretation*, 3. ed. rev. (Grand Rapids: Baker, 1973), p. 121.

Descobrimos que um princípio normativo deve ser um princípio geral, mas um princípio geral não pode legislar em sentido ou sentidos específicos. Antes, um princípio geral só pode determinar limites gerais para um sentido textual. Assim, nossa definição para literal poderia ser apropriadamente designada como um sistema de limites. Esse sistema especifica a máxima geral [...] de que qualquer tipo de texto é interpretado de forma consistente em seu próprio contexto. Para dar um exemplo, a palavra “serpente” normalmente se refere a um “animal”, e nada mais. Este sentido e uso comum, porém, não determinam que o termo “serpente” em Gênesis 3.14 precisa necessariamente referir-se apenas a um animal. Por outro lado, o sistema literal começa reconhecendo “serpente” como um animal. Então, olha para o contexto imediato ou estendido em busca de pistas sobre o significado. Essa serpente fala (3.1-5), e o faz como o inimigo de Deus. Assim, no sistema literal essa serpente é mais do que um animal; trata-se do inimigo de Deus [...]. O valor desse sistema literal está no fato de determinar um papel normativo para o contexto textual na interpretação e uma prática normativa de interpretação. Dessa forma, ele exclui ideias extrínsecas ao texto.<sup>4</sup>

Portanto, é essencial ter essa mentalidade literal ao abordar a palavra profética de Deus. Sem ela, não há controle confiável para a interpretação, e o intérprete se torna a autoridade final. Se a terra de Canaã em Gênesis 17.8 não se refere a um território geográfico específico no Oriente Médio, a que se refere então? Poderia se referir ao céu ou à igreja? Essas ideias vêm de fora do texto de Gênesis 17.8. Quando, porém, acontece esse tipo de espiritualização ou alegoriza-

---

<sup>4</sup> Elliott E. Johnson, “Premillennialism Introduced: Hermeneutics”, *A Case for Premillennialism*, ed. Donald K. Campbell e Jeffrey L. Townsend (Chicago: Moody, 1992), p. 17.

ção, a interpretação deixa de se basear em fatos e se transforma em barro na mão do intérprete.

Portanto, nossa abordagem fundamental para a palavra profética de Deus precisa ser literal. Uma vez dentro desse sistema literal, passamos a lidar com palavras e frases específicas. Devemos entender essa palavra em particular de forma literal ou simbólica? Às vezes, essa escolha é simples.

Quando João 1.28 relata que João Batista estava batizando no rio Jordão, não encontramos nenhum problema de interpretação. Quando o versículo seguinte registra a declaração de que Jesus é o “Cordeiro de Deus”, também não temos dificuldade em interpretar isso. Imediatamente reconhecemos que a palavra “cordeiro” é usada de forma figurada para comunicar uma verdade a respeito do verídico homem Jesus de Nazaré. Quando Isaías profetizou que “um ramo surgirá do tronco de Jessé, e das suas raízes brotará um renovo” (Is 11.1), estamos diante de expressões figuradas relativas a uma pessoa literal – Jesus Cristo. “Observar-se-á, assim, que o literalista não nega a existência de linguagem figurada. Ele nega, todavia, que tais figuras devam ser interpretadas de modo que destruam a verdade literal pretendida pelo emprego das figuras. A verdade literal deve ser informada por meio dos símbolos.”<sup>5</sup>

Símbolos são ferramentas valiosas de comunicação. Eles transmitem a verdade de forma concisa e visual. Em Apocalipse 11, o apóstolo João poderia ter passado muito tempo descrevendo a condição espiritual e moral de Jerusalém. Em vez disso, chamou a cidade de “Sodoma e Egito”. De modo rápido e vívido, comunicou um mundo de verdades que ficam visualmente fixadas em nossa mente.

Assim, símbolos e figuras de linguagem representam algo literal. A tarefa do intérprete é investigar essa linguagem figurada para des-

---

5 Pentecost, *Manual de Escatologia*, p. 41.

cobrir a verdade literal por trás dela. Mas nem sempre todos concordarão a respeito de determinadas figuras de linguagem:

Com base no contexto de determinada passagem, pode haver discussão entre os literalistas se determinada palavra ou frase está sendo ou não usada como figura de linguagem. Algumas passagens são, por natureza, bem mais claras que outras, levando a um consenso entre os intérpretes, enquanto outras podem dividir os intérpretes literalistas a respeito da necessidade ou não de compreendê-las como figuras de linguagem. Isso é mais um problema de aplicação do que de método.<sup>6</sup>

Por exemplo: em Apocalipse 2.10, a igreja de Esmirna é alertada de que enfrentaria “perseguição durante dez dias”. Esses “dez dias” se referem a uma semana e meia de tribulação intensa? Ou seria uma forma simbólica de falar de um período curto ou mesmo dez períodos de perseguição? Essa igreja literalmente caminhava para a perseguição, mas os literalistas discutem se esses dez dias devem ser interpretados ao pé da letra ou não.

Em Apocalipse 8.8, João diz que um terço do mar virou sangue como resultado de um juízo de Deus. Será que uma parte do oceano de fato se transformou em sangue de verdade? Ou esse sangue deveria ser entendido como representando algum aspecto ainda obscuro desse juízo? Estudantes da Bíblia divergem em relação à literalidade desse versículo. Essas diferenças, porém, não indicam inconsistência fundamental na abordagem literal. Antes, como observado anteriormente, a questão é mais um problema de aplicação do que de método. Por termos histórias, formações e experiências diferentes, teremos pontos de vista diferentes a respeito de detalhes específicos,

---

6 Thomas D. Ice, “Dispensational Hermeneutics”, *Issues in Dispensationalism*, ed. Wesley R. Willis e John R. Master (Chicago: Moody, 1994), p. 33.

como por exemplo se o sangue em Apocalipse 8.8 seria literal ou não. Mas é muito provável que todos os literalistas concordarão que esse versículo fala de um juízo terrível que virá no futuro. Assim, mesmo que não concordem sobre a literalidade do sangue, não abandonariam a abordagem literal para espiritualizar a profecia, entendendo-a como uma figura para a desilusão religiosa que dominará o mundo (Lenski) ou para uma invasão do Império Romano pelos vândalos (Barnes).<sup>7</sup> Essas interpretações alegóricas ilustram que o abandono da interpretação literal da profecia diminui a responsabilidade para com o próprio texto.

Pessoas (como os amilenaristas) que resistem ao princípio da interpretação literal optam, em lugar dela, pela espiritualização da profecia. A abordagem espiritual (ou alegórica, ou mística) trata o sentido literal como secundário em relação a um significado mais profundo, mais espiritual. Quem espiritualiza a profecia opera com base no princípio de que essas porções da Bíblia têm um significado oculto. Eles presumem que a abordagem literal obscurece o significado real e profundo da passagem. No entanto, abandonar o sentido literal como o significado primário é uma forma terrivelmente arbitrária de lidar com as Escrituras proféticas. Como observa Bernard Ramm: “A maldição do método alegórico é que ele obscurece o verdadeiro sentido da Palavra de Deus”.<sup>8</sup> Deve-se acrescentar ainda que dessa forma se perde a maior parte da objetividade na interpretação bíblica, uma vez que as interpretações alegóricas são todas igualmente válidas. Por que a interpretação de Barnes de que o juízo da terceira trombeta (na passagem de Ap 8) se refere à invasão dos vândalos não teria a mesma autoridade e validade que a ideia de Lenski de que o terceiro juízo fala de uma desilusão religiosa global no futuro?

---

7 Gary Cohen, *Understanding Revelation* (Chicago: Moody, 1978), p. 23-37.

8 Ramm, *Protestant Biblical Interpretation*, p. 30.

Embora os amilenaristas conservadores sigam fielmente a abordagem literal na interpretação da maior parte das outras áreas doutrinárias, optaram por tratar as passagens proféticas com espiritualização. Assim, por exemplo, em vez de verem Jesus Cristo reinando no futuro sobre a nação de Israel nesta terra, dizem que seu governo é espiritual no coração daqueles que pertencem à sua igreja. Essa espiritualização parece especialmente incongruente quando combinada com uma abordagem literal de passagens como Lucas 1.31-33.

Nessa passagem, o anjo Gabriel informa Maria de que ela, uma virgem, teria um filho que se assentaria no trono de Davi para governar sobre a nação de Israel. Amilenaristas interpretam a declaração a respeito do nascimento com uma abordagem literal, concluindo que Jesus nasceu fisicamente da virgem Maria. Mas então espiritualizam a segunda parte da declaração de Gabriel, sobre o governo de Jesus, entendendo que esse domínio não é sobre a “casa de Jacó” (NAA) no “trono de seu pai Davi”, mas sobre os santos redimidos da igreja de Jesus Cristo. Uma abordagem literal, que entende a linguagem como ela é, evita esse tipo de abordagem inconsistente e até certo ponto arbitrária. Esse exemplo destaca a contradição inerente de usar dois sistemas interpretativos diferentes.

Assim, a primeira e maior regra de interpretação é entender as passagens proféticas de forma literal. “O sistema literal é necessário por causa da natureza da Escritura. Em primeiro lugar, ela é *suficientemente clara* no contexto para expressar o que Deus promete fazer. Em segundo lugar, a Escritura é *suficientemente completa* no contexto para estabelecer expectativas válidas a respeito dos atos futuros de Deus.”<sup>9</sup> É a abordagem literal da Palavra de Deus que fornece um método sólido e razoável de interpretar as Escrituras proféticas.

---

9 Johnson, “Premillennialism Introduced: Hermeneutics”, p. 21.

## *2. Interprete comparando profecia com profecia*

Deus não deu todas as informações proféticas a um profeta só. Em vez disso, por meio dos diversos autores que viveram ao longo de um período de vários séculos, a cena profética se desenvolveu e se tornou mais completa. Assim, a fim de obter uma compreensão mais ampla do assunto profético e evitar conclusões errôneas, é necessário comparar as profecias umas com as outras. O apóstolo Pedro disse que “nenhuma profecia da Escritura provém de interpretação pessoal” (2Pe 1.20). O argumento de Pedro inclui a ideia de que nenhuma profecia encontrada na Escritura deve ser interpretada isoladamente, mas, em vez disso, entendida em relação a tudo o que Deus já disse sobre aquele assunto.

O futuro reino milenar é descrito em Apocalipse 20, onde se diz que ele durará mil anos. Mas caminharíamos para erros sérios se presumíssemos que tudo o que Deus afirmou sobre esse aspecto do reino aparece em Apocalipse 20. Os profetas do Antigo Testamento falaram muito sobre o tema do reino milenar e, para entender Apocalipse 20 de forma correta, é essencial consultar Isaías, Daniel, Jeremias e outros, a fim de descobrir o que eles disseram.

Se tudo o que estudássemos sobre o Anticristo viesse de Daniel 7, não teríamos uma imagem completa sobre o assunto, pois os apóstolos Paulo e João têm pontos importantes para contribuir. Uma vez que Deus é o autor da Escritura profética como um todo, precisamos partir do princípio de que nenhuma profecia será contraditória a outra. Deus não é autor de confusão e claramente não vai se contradizer ao anunciar o que acontecerá no futuro. Assim, quando encontramos dificuldades, precisamos lembrar dessa unidade de significado inerente da Bíblia e manter em mente que dificuldades não são contradições. Também precisamos presumir que uma passagem pode contribuir para o entendimento de outra, já que Deus é autor de ambas.

Os autores do Novo Testamento fazem referências frequentes às profecias do Antigo Testamento. Eles fazem isso por diversos motivos, inclusive para mostrar que determinada profecia se cumpriu e amarrar uma profecia anterior àquela entregue ao escritor neotestamentário. Mesmo quando a mensagem do Novo Testamento oferece um entendimento mais profundo ou mais claro a respeito da passagem veterotestamentária, a porção do Antigo Testamento explícita ou implicitamente contém a mesma mensagem. Por exemplo, o profeta Daniel fala três vezes do “sacrilégio terrível”. As profecias de Daniel informam a respeito do momento do evento e algumas de suas características. Mas a afirmação do Senhor Jesus em Mateus 24 com certeza é de grande valor na hora de esclarecer uma série de questões relacionadas a essa expressão.

O intérprete, porém, não pode desconsiderar as declarações do Antigo Testamento como se fossem inferiores ao significado mais profundo e mais espiritual do Novo Testamento. Passagens como Isaías 2.2-4, que fala de uma maravilhosa era de ouro que se manifestará nesta terra, não podem ser desprezadas por meio da espiritualização. Falando da espiritualização amilenarista dessas Escrituras, um escritor pós-milenarista observa que ela deixa “um continente inteiro de profecias sem explicação, muitas das quais se tornam então um tanto insignificantes”.<sup>10</sup> As profecias do Antigo Testamento precisam ter a oportunidade de falar. A mensagem delas será enriquecida e realçada por profecias neotestamentárias posteriores, mas não será negada nem alterada por elas.

Dessa forma, portanto, é imperativo que o intérprete da profecia compare a Escritura com a própria Escritura. Fazendo isso, obtém-se uma imagem mais completa e acurada do que Deus vai fazer e talvez também da forma e do motivo pelo qual ele o fará.

---

<sup>10</sup> Loraine Boettner, *The Millennium* (Filadélfia: Presbyterian and Reformed, 1958), p. 119.

### 3. *Interprete considerando possíveis intervalos de tempo*

Quando os profetas proclamavam a mensagem de Deus, com frequência não sabiam que haveria um intervalo de tempo entre os cumprimentos das diversas profecias. “Em passagens assim, o escritor sagrado, ao prever esses eventos em sua época, via-os a distância, como picos de uma cordilheira, sem perceber os vales do tempo entre eles. Isso vale especialmente para os eventos relativos à primeira e à segunda vindas de Cristo.”<sup>11</sup> Quando um profeta colocava vários eventos lado a lado em sua mensagem, isso não significava necessariamente que o cumprimento deles ocorreria ao mesmo tempo, ou que um aconteceria imediatamente após o outro.

Por exemplo: Zacarias falou sobre o primeiro advento de Cristo, quando este viria “justo e vitorioso, humilde e montado num jumento” (9.9). Isso se cumpriu na entrada triunfal em Jerusalém. Mas, sem hesitação, o profeta emendou que o Messias reinaria sobre toda a terra (v. 10), o que não acontecerá até a sua segunda vinda. É altamente improvável que Zacarias soubesse que a realização dessas duas declarações seria separada por vários milhares de anos.

O mesmo vale para outros profetas. Isaías falou de Cristo vindo para “levar boas notícias aos pobres... cuidar dos que estão com o coração quebrantado, anunciar liberdade aos cativos... proclamar o ano da bondade do SENHOR” (Is 61.1-2). O próprio Jesus interpretou essa passagem em Lucas 4.16-21, indicando que essas palavras se referiam ao seu ministério da primeira vinda. Na verdade, Jesus interrompeu sua leitura no meio de uma frase e observou que as palavras lidas estavam se cumprindo no presente. Mas a passagem de Isaías continua, falando do “dia da vingança do nosso Deus”, que se refere a atividades por ocasião do seu segundo advento. Será que Isaías imaginava que milhares de anos se passariam entre essas duas cláusulas? É improvável.

---

11 Leon Wood, *The Bible and Future Events* (Grand Rapids: Zondervan, 1973), p. 24.

Esse fenômeno telescópico aparece muitas vezes nos profetas e revela lacunas no cumprimento das profecias. Uma passagem essencial, que investigaremos mais tarde – Daniel 9.24-27 –, contém uma lacuna que é crítica para a interpretação correta dessa profecia. É claro que só somos capazes de reconhecer esses buracos de tempo entre os cumprimentos à medida que a revelação de Deus progride.

#### *4. Interprete a linguagem figurada de acordo com a Escritura*

Pesquisas na área da comunicação mostram que entendemos e retemos muito mais informações quando podemos *visualizá-las* ao mesmo tempo que as ouvimos ou lemos. Já que os profetas não incluíam tabelas e gráficos em suas profecias nem tinham PowerPoint, eles dependiam totalmente da linguagem usada. Embora ocasionalmente algum deles usasse objetos para encenar suas mensagens, a linguagem ainda era a ferramenta principal. O uso de símbolos como dispositivo de comunicação tornou-se muito importante para a mensagem que pregavam. Como já mencionamos, as figuras de linguagem e os símbolos representam algo literal. No processo de tentar descobrir o significado desses símbolos, é útil observar três diferentes categorias interpretativas para os símbolos proféticos: (1) o contexto imediato, (2) o contexto maior e (3) o contexto histórico-cultural.

*Em primeiro lugar, precisamos considerar o contexto imediato.* Em alguns casos, o próprio profeta interpreta os símbolos no texto. Em outras ocasiões, aparece um anjo no texto para interpretar determinada figura, ou então o próprio Senhor revela o significado ao profeta.

Em Apocalipse 17.1, o apóstolo João vê uma “grande prostituta que está sentada sobre muitas águas”. Parte dessa cena é explicada posteriormente no capítulo, quando um anjo diz a João que as “águas” representam os muitos povos e nações da terra (v. 15). Na famosa visão dos “ossos secos”, o Senhor revela a Ezequiel que esses ossos secos representam toda a nação de Israel (Ez 37.11). Não há

dúvida de que a explicação desse símbolo nos poupou de horas de debate e discussão sem fim sobre o assunto.

*Em segundo lugar, precisamos considerar o contexto maior.* Uma segunda categoria de símbolos proféticos envolve aqueles cujo significado é sugerido por outras passagens da Escritura fora do texto imediato. Muitos símbolos e figuras de linguagem foram usadas em determinado lugar da Bíblia e depois usadas também em outro lugar por outro escritor. Não é surpresa nenhuma ver Daniel, por exemplo, usando um símbolo encontrado em Isaías, que escreveu suas mensagens mais de um século antes. Os escritores do Novo Testamento tinham toda a riqueza de símbolos do Antigo Testamento para usar e, debaixo da direção do Espírito Santo, o real autor do Antigo Testamento, empregaram muitos deles. Isso vale especialmente para os símbolos encontrados no livro neotestamentário de Apocalipse, onde a

contagem de alusões significativas que podem ser associadas ao cânone hebraico tanto pela semelhança verbal quanto pela conexão contextual totaliza 348 ocorrências. Dessas, cerca de 95% são repetições, de forma que a quantidade real de passagens diversas do Antigo Testamento que são mencionadas é de quase 250, uma média de mais de 10 para cada capítulo de Apocalipse.<sup>12</sup>

Estatísticas como essa deixam bastante claro que o conhecimento a respeito do Antigo Testamento é essencial para entender o livro de Apocalipse e crucial para evitar que o intérprete das profecias caia em especulações e excessos.

Em Apocalipse 12.14, por exemplo, a mulher recebe as asas da grande águia para escapar da serpente. O próprio capítulo indica que a mulher representa a nação de Israel e que a serpente é Satanás.

---

12 Merrill C. Tenney, *Interpreting Revelation* (Grand Rapids: Eerdmans, 1973), p. 101.

Mas o que serão as asas da águia? Será que isso significa que nos últimos dias Israel será resgatado por transporte aéreo? Improvável. A figura das asas de águia aparece em Êxodo 19.4 e Isaías 40.28-31 e refere-se ao cuidado e à libertação operados por nosso Deus poderoso e amoroso. Assim, Apocalipse 12.14 ensina que Deus resgatará seu povo naqueles últimos dias assim como o fez na época da saída do Egito. A passagem revela *o que* Deus fará, mas não *como* ele o fará.

Outro exemplo pode ser encontrado em Apocalipse 11.3-4, onde o texto fala das duas testemunhas de Deus que são “as duas oliveiras e os dois candelabros que permanecem diante do Senhor da terra”. Nenhuma interpretação de Apocalipse 11.4 pode ser considerada válida se não investigar cuidadosamente a passagem de Zacarias 4, onde esse simbolismo aparece. Dessa forma, os símbolos proféticos não são um convite para que a pessoa deixe a imaginação correr solta. Os símbolos encontrados na Escritura e então aproveitados por outros escritores bíblicos determinam os parâmetros para a interpretação. Símbolos não dão ao intérprete a liberdade de aplicar qualquer significado desejado ao texto.

*Em terceiro lugar, precisamos considerar o contexto histórico-cultural.* Alguns símbolos estão relacionados à época histórico-cultural do escritor. O significado deles não aparece em outros trechos da Escritura, mas nos tempos do próprio autor. Por exemplo, a “pedra branca” mencionada em Apocalipse 2.17 e a “coluna” em 3.12 vêm do contexto cultural dos dias de João. Para entender melhor a mensagem do Senhor nessas passagens, seria útil estudar o significado desses símbolos na forma em que eram compreendidos na época de João.

## Interpretação profética sólida

Espero que essa breve exposição a respeito de algumas das regras da interpretação profética tenha destacado a importância dos nossos princípios hermenêuticos. Sem diretrizes interpretativas claras para nos guiar, não chegaremos a interpretações claras. As Escrituras pro-

féticas podem ser complicadas por lidarem com eventos que ainda não aconteceram. As profecias que já se cumpriram completamente se cumpriram de forma literal, e isso nos dá segurança para esperar que as declarações proféticas ainda não realizadas (ou pelo menos não de forma completa) também se cumprirão de forma literal. Cremos que Jesus Cristo retornará literalmente a esta terra e reinará em sua segunda vinda porque na primeira vinda ele veio de forma literal ao mundo, nascendo da virgem Maria em Belém.

Quando estudamos a palavra profética, precisamos fazê-lo com diligência pessoal e dependência consciente do Espírito Santo, o autor e iluminador da verdade de Deus. Fazendo isso, é perfeitamente possível desenvolver algumas convicções muito fortes a respeito da profecia bíblica. Não é errado ter crenças firmes a respeito da profecia, mesmo que alguns sugiram que convicções fortes revelam estreiteza de pensamento. Convicções fortes também podem muito bem revelar clareza de pensamento. Mas agarrar-se com firmeza à própria posição escatológica não dá licença para fazer ataques pessoais e cáusticos a irmãos na fé que adotam posições diferentes. Infelizmente, ira e arrogância têm acompanhado as discussões escatológicas no passado e no presente. Questionar uma posição à luz da Escritura certamente é legítimo. Mas atacar quem defende tal posição, questionando a inteligência e o caráter dessa pessoa, é, obviamente, algo muito diferente. Em nossa defesa do nosso ponto de vista, precisamos refletir o Senhor Jesus, que era cheio de graça e verdade.



chamada

**ESTA É UMA AMOSTRA**

Compre este livro em nosso site

[loja.chamada.com.br](http://loja.chamada.com.br)

## *Você acredita que os eventos futuros não impactam o presente? Pense novamente.*

Muitos cristãos pensam nas profecias do fim dos tempos como um quebra-cabeça gigante e intimidador – difícil de juntar as peças e impossível de desvendar. Mas todo quebra-cabeça pode ser resolvido se você o aborda da maneira certa.

Paul Benware compara a profecia com um quebra-cabeça. Ao juntar primeiro as peças das bordas, constrói-se uma "moldura" que torna mais fácil encaixar as demais peças em suas posições. De acordo com Benware, as alianças bíblicas são a moldura da escatologia. Ele começa sua análise abrangente explicando as principais alianças. Depois, discute várias interpretações diferentes das profecias do fim dos tempos.

Benware se aprofunda nos detalhes do arrebatamento, da grande tribulação, dos julgamentos e ressurreições e do reino milenar. Contudo, ele também adiciona um elemento único e pessoal ao estudo, pois responde perguntas importantes, tais como: por que estudar a profecia bíblica? Que diferença faz se eu sou pré-milenarista ou amilenarista?

Se o que a Bíblia diz a respeito do futuro o deixa confuso, o *Manual de Escatologia Chamada* ajudará você a juntar as peças e enxergar a figura como um todo.

